

Telfon - Hismond

Esta vez a crise não vem dos Estados Unidos. Os habitantes de Budapest deixaram muito para trás os yankees.

Na forma e celta cidade que o Danubio abraçava, existe, com effeito, ha oito annos, um jornal como não ha outro igual no mundo.

É um jornal que não tem typographia, que não emprega papel, que não tem distribuidores nem vendedores. E, contudo, dá duas edições especiais aos domingos e diversas diarias pelos dias da semana fora. Gosa de grande favor dos annunciantes, porque queira ou não, o assignante ha de forçosamente ler conhecimento dos annuncios de tão extraordinaria publicação.

Em taes circumstancias não é de extranhar que o jornal de que se trata tenha tido um exito economico e que os 20 contos de capital nelle empregados produzam um juro avultado.

O pessoal da redacção compõe-se d'um director, quatro redactores, nove noticiarios e quatro recitadores, e o extraordinario do caso é que não se trata de um jornal impresso, mas sim do jornal fallado.

As noticias são adquiridas pelo pessoal affecto a este serviço, como é de uso em todas as partes; são depois escriptas concisamente numa folha de papel e entregues aos redactores, que corrigem a forma, se entenderem necessario. Passam depois

para o director que as lê e põe o visto, se entende que são boas e as dá para o recitador, que é o encarregado de as fazer chegar aos assignantes.

Estes são actualmente em numero de seis mil e duzentos em Budapest. A hora fixa, cada assignante recebe em sua casa, com toda a commodidade, as noticias do dia frescas a saltar, communicadas pelo recitador.

Mas é esse individuo que vai a casa dos assignantes contar os factos? Não disse.

O recitador falla aos 6.200 subscriptores ao mesmo tempo. Ha, para isso, um aparelho telephonico especial nos escriptorios do jornal, e cada assignante tem em sua casa um aparelho receptor apropriado.

O recitador, que tem uma voz clara, bem educada e que vocaliza muito bem, falla deante do aparelho telephonico do jornal. Os 6.200 assignantes, sentados nos respectivos gabinetes, ouvem ao mesmo tempo as noticias que são communicadas dos escriptorios do jornal. Os annuncios vão intercalados de um modo suave e artistico nas noticias e chegam quer queira, quer não queira aos ouvidos do assignante.

O sistema seria, comuilo, incompleto se se reduzisse a emitir por telephonio discursos mais ou menos extensos, o que obrigasse o assignante a estar alerta em determinado momento para receber as noticias e estas ficariam perdidas para o assignante, se este não tivesse em casa ninguem para as receber.

Para remediar este inconveniente existe no aparelho telephonico receptor um aperfeiçoamento que permite fixar e reproduzir sempre o que se queira, a noticia expedida, isto é, o que o recitador communicou. Uma cinta metallica recebe no domicilio de cada assignante a communicação feita.

Uma campainha dá o aviso de que se está falando. Se houver em casa quem as queira ouvir, recebe as noticias directamente, mas de toda a maneira, estas ficam portat form fixas na cinta que, com um simples movimento desta cinta em sentido contrario, por meio de um botão e diante de um electro iman que tem o receptor telephonico, tornam a reproduzir-se sempre que se queira. E isto pode repetir-se indefinidamente.

O inventor desta interessantissima applicação da theoria do jornalismo foi um austriaco chamado Theodoro Buschgasch, n-tavel electricista, que morreu pouco tempo depois de Realisar o invento (em 16 de março de 1893), mas quem tornou a consolidar o invento, fundando uma empresa util, feliz e de resultados praticos, foi o Sr. Emilio von Svetes, actual director do jornal conhecido em Budapest com o nome *Telefond Hismond* ou *Noticias Telephonicas*.

Isto não é nem mais nem menos do que uma parcella das maravilhas que se vão dando no mundo e que vão ser presenciadas pelos que viverem no século XX.

NINON DE LENCLOS

esmernei da ruína, que jamais ouso manchar-lhe a epiderme, lá passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, attribuindo sempre ao pedagoga sua certidão de baptismo que rasgava á crua do Tempo, cuja foice embolava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda» vin-se obrigado a dizer o velho rubicundo, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que celebria e eguista fizeira jamais contaram quem quer que fosse das pessoas daquelle epocha, descobrio-o o Dr. Levonte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Valtaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LACORTHE, Rue du 4-Septembre, 31A Paris.**

Esta agua tem no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz espectral e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros

Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANDERMALE DE NINON

para fuura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emittações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, tiza, a-secca a epiderme, impede o decair das freixas e os rachos.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brançura primitiva e suaz côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual o muilo contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES e

Para ser bella e encantar todos, olhos deve se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, sande-os e branqueie-os com **l'Elisir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella.**

E. SENET, Administrateur, 35, Rue du 4-Septembre, e, Paris.

Racahout

DELANGRENIER

Alimento Completo

agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro RACAHOUT dos ARABES Delangrenier é o

Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBEM é recommendado ás mã's quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira

DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

Evitar as Imitações e Falsificações

Le Trèfle Incarnat

Perfume de Moda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ, PASTA e ELIXIR

CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós communicam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excelente Cosmetico branquea e amacia a pele, preserva do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a *avelludada*; pelo que respeita as mãos, dá *solidez e transparencia ás unhas.*

AGNEL, Fabricante de Perfumes,

16, Avenue de l'Opéra, Paris.

Entra suas seis Casas de venda por mundo nos bairros mais ricos de Paris.

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SABONETE PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.

AGUA de COLONIA Inveriale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS : Violette Idéale, Royal Houbigant, Eau d'Espagne, Moskari, Iris Blanc, Le Parfum Impérial, Mouki, Muguet, L'Éillet Reine, Impérial Russe, Lilas Blanc, Heliotrope Blanc, Fougère Royale, Glorina, Jasmim d'Espagne, Cuir de Russie, Girofle, Corydalis, Bontou d'Or, Sunrise, Rococo.

SABONETES : Ophelia, Peau d'Espagne, Violette Idéale, Fougère Royale, Lait de Thibadee, Royal Houbigant.

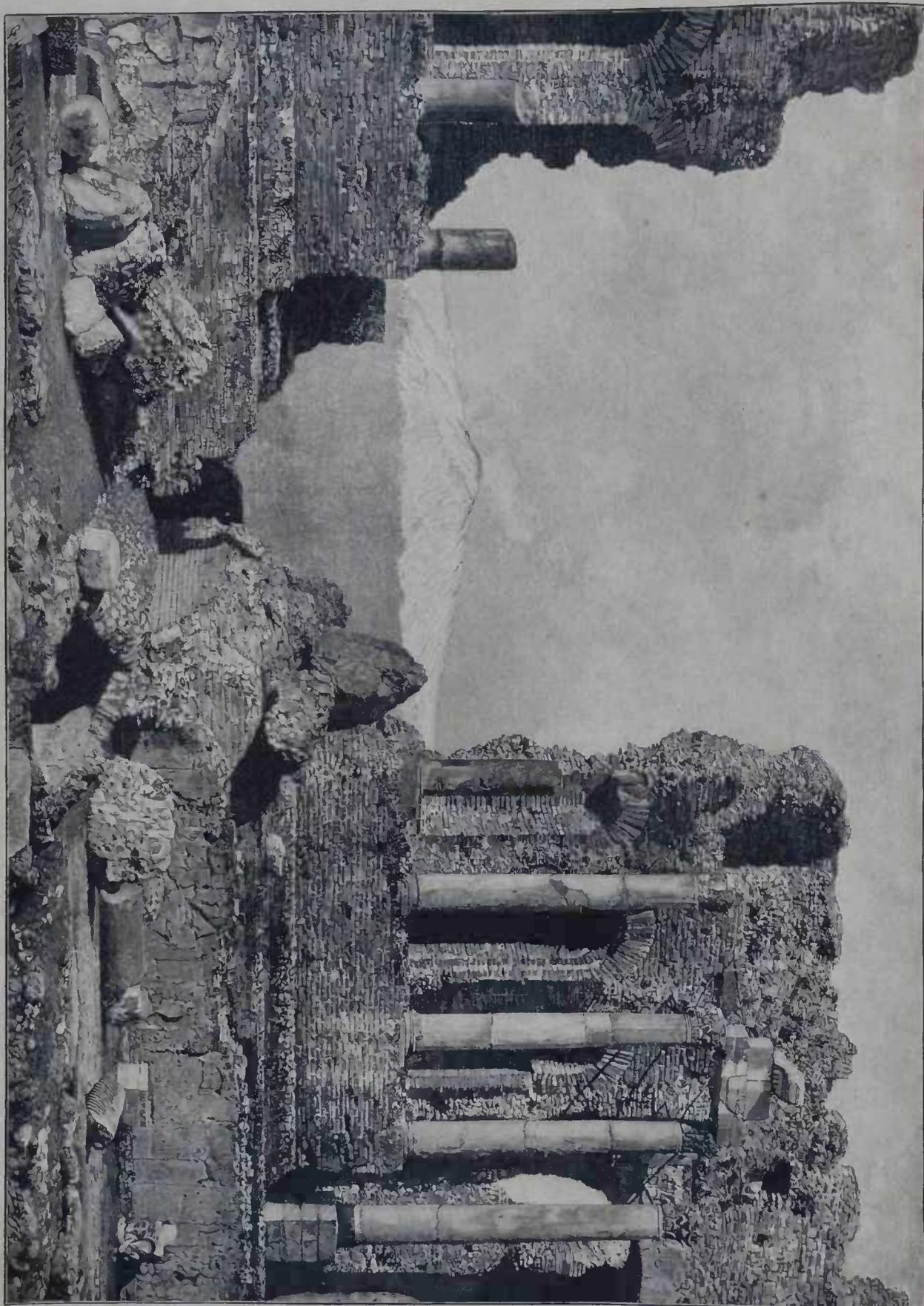
PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza

PÓS PEAU D'ESPAGNE.

LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.

PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



As ruínas do theatro de Taormina.

O CÉO

Viagem ideal eu fiz um dia
Aos parâmetros azues além fulcindo,
Toda a minúscula soffega partia
Por esse firmamento vasto e lindo.

E que buscava nesse andar infundo?
Que aspiração de louco me impellia?
— Buscava o céu!... o céu de que prescindio,
Pois na terra o encontrei como queria.

E' um sonho talvez: Um paraíso,
Iluminado ao sol do teu olhar,
Perfumado com as rosas do teu riso.

Um bello céu que não conhece inferno,
Onde contigo saberei gozar
Toda a delícia de um amor eterno.

OSCAR D'ÁLVA.

Rio, 27-1-1900.

(Do Livro de Laldé)

— x — x —

A uma mulher

Criança, fosse eu rei, que trocaria o imperio,
Foi meu cetro e meu sceptro e o applauso popular,
Minha corôa de ouro, e o banho fresco e ethereo,
E minha esquadra enchendo o duplice hemispherio,
Só por um teu olhar.

Fosse eu Deus, e o universo, e o ar e o mar profundos,
Os anjos, bons e máos, curvos ao sceptro meu,
E o colub enorme e escuro e de seios fecundos,
A eternidade, o espaço e o firmamento e os mundos
Só por um beijo teu.

(Trad.)

ALBERTO M. DE OLIVEIRA.

Nichteroy — 1901.

PEQUENAS TELAS

CELESTE

I

Que noite feliz foi a de hontem para o meu
creação de pae! Sonhei que Celeste, a filha que
fugindo deste mundo, levava para a pequenina cam-
pa — as minhas lagrimas e o meu profundo sentimento
de saudade — estava viva.

Oh! como foi sincero o meu prazer ao abraçal-a,
ao apertar aquelle corpinho querido nos meus
bracos!

E ella! Como estava formosa e alegre!
Ah! Fui feliz, enormemente feliz!...

II

Depois... a realidade viera matar me o riso, a
felicidade! Acordava e Celeste desaparecera!
Cherei então!

Um consolo me resta: Nos sonhos, ao menos
nos sonhos, eu posso beijar minha filha, minha ido-
latrado filha! Posso abraçal-a e dizer com orgulho:
Vejo-te... vejo-te... és a minha Celeste! O meu
anjo querido!...

ARTHUR GOULART.

O Fluminense, 19 de Junho de 1901.

— x —

TENTADORA

Nem cuido, nem rindio, nem cubra a minha
Nada pôde imitar a formosura
Das suas harmoniosas labias que a brancura
De sua tez mimosa mais enloura.

Mais os vé meo olhar, mais eu namora;
Mais os tal-os que, mais se enloura;
E d'ahi, sem cessar, solta a tertura
Da paixão que sentuz e que apouera.

As velozes meo fôgo, pedida;
Negror do inferno em luz do paraíso
Enche toda minúscula esbeteida

Sem velozes o meu fim por bem diviso...
Tande pedida, a seus! Tira-me a vida
Antes que eu torne a ver o teu sorriso!

A. AZAMOR.

ANTES...

A' uma noiva

N'um caxião pequeno, estreito, adormecida
com a fronte ideal enregelada e fria
reposando eternamente e desprezando a vida
fôra melhor, oh Deus, em contemplal-a um dia

No leito sepulchral (na carne transformada
os vermes em festim, em saturnal sombria)
as mãos postas em cruz, a bocca entrefechada
fôra melhor, oh Deus, eu contemplan-a um dia

Antes Ella morresse esta alma me levando
em noite de soffrer infundo e miserando
gemendo acochegado a seu sei nevado

Antes vêr-se na tumba a que nos fez amante
dizer-lhe o ultimo adeus no funeral instante
do que ver-lhe na fronte — a c'ôra de noivado.

OSCAR RAMOS.

Porto Alegre — 1901.

— ~ ~ ~ —

Mosaico

Um pobre diabo, desesperado com as imperti-
nencias da sogra, resolve suicidar se.

Dirigiu-se á beira do rio e poz se a andar de um
lado para outro.

Checa-lhe um amigo e pergunta-lhe:

— Que fazes homem?

— Vou-me afogar.

— E estás passeando?

— Não, estou esfriando o corpo para não me cons-
tipar!

✻

No cartorio de um tabellião apparece um rascão
para fazer testamento.

— Quantos filhos tem?

— Cinco sem tabellião... e tres que morreram
oito.



Idyllio de primavera.

SAUDADES

(A Coma da Costa)

Meu Deus! meu Deus! quando lembro triste
 O amor que outr'ora dominou a minha vida;
 Quando me lembro da minha querida,
 Desses dias por quem fui tão adorado.
 De quem me separei saudoso e triste
 Para sempre, meu Deus, p'ra toda a vida;
 Quando beijo chorando o seu retrato,
 E fito as flores secas e mirradas
 Que outr'ora me offertara sorridente
 Dizendo que as guardasse entre meus versos,
 Como lembrança d'esse amor bendito;
 Quando recordo os beijos que trocamos,
 Ella, meiga sentada em meus joelhos,
 Reclinada a cabeça no meu hombro
 Balbucand' phrases amorosas
 Entre caricias e sorrisos ternos;
 Quando penso em tudo isto com saudade,
 N'esse passado encantador, risonho
 Que nunca mais ha de voltar, meu Deus!
 Meus olhos tristes enchem-se de lagrimas;
 A saudade me esmaga e me tortura;
 Punge minha alma que soluça e chora
 Na solidão, no negro isolamento,
 Em que pranteio o tempo que se foi!
 Não pode haver martyrio igual a este:
 Sofrer-se longe da mulher amada,
 Partir talvez p'ra sempre de seus braços,
 Deixar essa que outr'ora após um beijo
 Nos diz apaixonada— Amo-te muito—
 Se eu pudesse esquecê-la, ah! se eu pudesse
 Esmagar a saudade que me punge!
 Não poderei meu Deus, que é impossível
 A flor odiar o sol que lhe deu vida,
 Aquelle beijo ardente, apaixonado
 Que uniu as nossas bocas no momento
 Em que me despedi, foi um grilhão
 Que me prende eternamente a ella,
 Não poderei jamais deixar de amal-a,
 Jamais esquecer essa mulher
 Em cuja alma apaixonada e pura,
 Sempre encontrei amor, sinceridade,
 Aquelle anjo adoravel, que chorava
 Quando a tristeza me velava os olhos,
 Que sorria feliz, quando eu sorria,
 Animando-me, enchendo-me de esperanças,
 Enxugando com beijos minhas lagrimas
 Quando eu desesperado, ia descrente
 Sofrendo os contratempos da existencia,
 La buscar consolo nos seus braços!
 Ah! como era sublime e catinica
 Apeitudo-me assim contra o seu peito,
 Jurando ser eternamente minha!
 Juras de amor que ella a sorrir fazia
 Entre dois longos beijos catinicos!
 E eu de tudo, de tudo me esquecia:
 As misérias, as lutas pela vida,
 Para gosar aquelle doce instante,
 Ebrio de amor vivendo so por ella!
 Como é triste lembrar-me nesta hora,
 Em que minha alma chora com saudade,
 Esse amor ideal que ainda vive
 Persequindo as miragens do passado,
 Envolvendo nas nevoas da saudade!
 Morrer! morrer! como seria doce
 Habitar para sempre a campã fria
 Velada pelas sombras do cypriste!
 Só assim alcançaria o esquecimento
 Quem supporta um martyrio igual a este,
 A morte não é mais do que o socego,
 A paz abençoada que consola,
 Que nos alegra para sempre as magoas,
 Que nos enxuga os olhos para sempre!
 Morrer? Mas para que? Deixa-la assim
 No mundo para armar de novo um outro,
 Desfallecer n'os braços d'outro amante,
 Cobrir de ledos beijos outros labios,
 Esquecer que jurou amor eterno!
 Não, não quero morrer, seria hoirivel!
 Meu Deus! já sinto a garra do ciuime
 Estrangular-me o peito soffredor!
 Se eu pudesse agarral-a n'este instante
 E, unidos num abraço derradeiro,
 Lançarmo-nos ao mar enfurecido,
 Afogados sorrindo á tempestade,
 Abençoados com a morte protectora
 Que nos ligava assim eternamente!
 Como seria bom morrerem juntos!
 E nossas almas para sempre unidas,
 Abandonando os corpos sobre as ondas,
 Partitiam sorrindo para o azul,
 Vivendo ignoradas e felizes
 Nas regiões do sonho e do mysterio,
 Alheias ás misérias e ás intrigas,
 Aos preconceitos e ás mentiras falsas
 Que negtizam o meio em que vivemos
 Como seria bom, Nenem querida!
 Minha, só minha, eternamente minha,
 Vivendo para mim unicamente
 Nesse amor ideal, puro e sublime
 Que o poeta sente no brillar da estrella,
 No seu duma flor que desluzbrocha,
 No gemido duma ave ao por do sol,
 Nos selugos nostalgicos das ondas
 Que vão beijar a praia solitaria
 Na doce claridade do luar,
 Reflectindo-se á flor dos mimosos lagos,
 Como é tão doce e ubar assim contigo!
 Meu Deus! como este amor é puro e santo!
 Adeus, adeus, mulher que tanto amei!

Adeus visão que me sorri em sonhos!
 Julgar-me hei feliz neste momento,
 Se teu olhar saudoso e escismador
 Pousar sobre esta folha dolorida,
 Onde minha alma angustia da lembrança
 Esse amor ideal que já sentimos,
 Serei o mais ditoso dos mortuos!
 Se te lembrares d'esses tempos idos!
 Adeus, adeus, Nenem, perdoa, adeus!

1901. NOBREGA JUNIOR

CONVERSEMOS

Pobre viajera da Idéa, a philosophia das cousas ora entristece-me profundamente, ora faz-me raciosinar sobre as misérias da vida, sobre tudo quando leio qualquer noticia sobre suicídios, como o de uma moça brasileira que o fez, motivado por uma grande paixão. Antes dissei, porém, lera em diversos telegrammas, que Bressi, o assassino de Humberto I, suicidara-se na prisão, depois de arregar tanta indifferença pela sua nova sorte.

Tomei então um livro de Oliveira Martins sobre o socialismo, outro de Malou e as Mentiras convencionaes de Max Nordau, o primeiro pensador da actualidade, e defuzi que realmente o operario europeu tem razão, posto que seja difficil, como querem, o despojo do rico em favor pobre, que forma duas classes bem distinctas e eternas.

Do socialismo mal interpretado nasceu o fenomeno do *anarchismo* revoltante e torpe.

Victima desses loucos do hospicio da vida, a victima foi uma mulher conhecida no mundo inteiro como a personificação da bondade, como Elizabeth imperatriz da Austria, o fóra da desventura.

Insensivelmente, nós, as mulheres, tomamos sempre o partido do fraco, por uma especie de compaixão nata: não é assim?

Eis porque tendo o culto da *sympathia* a mais ardente, a Margarida, a suave Margarida, vivamente magoada no seu coração, pela morte tragica de seu marido.

Oh! quanto sinto não ter a pena de ouro de qualquer mulher illustre, para expandir-me sobre o caso, sem arremessos de sábia e muito mais a ser tida sem ver frizados os labios coralinos da leitora benevola, julgando-me pretenciosa?

Eu não o sou, apenas digo o que penso, o que sei e o que aprendo, sem fazel o para armar effeito, eis tudo... A leitora da *Esquação* há de estar habituada commigo; portanto, peço venia para dizer algo sobre o assumpto, sem massal-a. Entre os grandes pensadores da actualidade, Leão XIII já escreveu a sua admiravel Encyclica acerca do caso, erimando, com tudo, o anarchismo, que manha o marfim branco do esteio desse edificio sonhado em proveito das classes deparadas de meios argentarios.

Só desequilibrados poderão sahir dos moldes bons da avancada social; portanto, um anarchista, é um desequilibrado sem concepção politica oriunda da nobreza intellectual, nem tampouco possui o seu credo, honestidade de consciencia; não!

Procedendo assim, conseguirá o patrimonio universal. Para um crime como o de Bressi, poderá haver perdão, indulgencia ou piedade?

Todavia, Margarida, ao ter a noticia do suicidio do desgraçado, dirigiu-se á capella do seu palacio, orou por elle, pediu a Deus perdão para o miseravel.

Só uma grande alma tal faria, ou por outra, só a alma da mulher procederia por essa forma.

Sabe a leitora porque?

Foi porque teve como collaboradora a Fé christã sem carollismo, esse Bem que apazigua o coração e o dilata por nossos horizontes, em proveito dos seus semelhantes.

O lenitivo e o beneficio que a consciencia dispensa nos bons, fez-se de depressa sentir.

Ao seu espirito enfermo, desceu um raio de vida; no carcere privado das suas afflicções, entre os cardos negros da vida, surgiu agora um lyrio branco—Yolanita, princeza de Roma, flor de neve da casa de Saboia, que da arvore da natureza, dos galhos frondosos de uma estirpe real, veio apaziguar o mar tempestuoso da sua viuvez eterna.

Oxalá possa ella, quando rainha da Italia, á semelhança de outras soberanas, pela bondade e energia, impedir que o seu throno seja manchado pela praga anarchista, já que a politica certamente não poupara o menor dos seus actos, embora bem intencionados.

Que responsabilidade tem uma festa corada, sobre tudo quando o diadema peza sofre a fronte de uma mulher!

LEITEZ SAUNO

VISÃO

AO PEDRO BAPTISTA

Erinavas, eu me lembrei, ems errenem,
 Vagava a lua pelo espago obscuro;
 Uma visão havelva suldo e mousso,
 Follora... e oether pousoum a mousso.

Divina follu eu angu te dizer
 Que os ossos honverem te ligando a mim
 E porventura e dalle se me sae?
 — Baxvasto a fronte e respousante:— Sim!

Um que do bese te achava na terra
 Ha visão lora que contente errense,
 Tachando assim meu ideal em folla!

Agora dille-te... e ao non dille se golla?
 Do nosso amor não prova o mousso?
 Follora a visão so mousso contente.

LEITEZ SAUNO DE OLIVEIRA.

Ruicife

Versos de outrora

Junto ao penhaço inclemente
 Uma fonte sempre existe
 Doce, mansa, transparente,
 Murmura, serena e triste.

Mas, meu Deus, quanto escolhos
 Não me traz essa lição!
 Ras e de agua tens os olhos,
 Frio e duro o coração...

E, no meu viver insonte,
 Note agora o centralito,
 Que nos olhos tens a fonte
 E o penhasco tens no peito.

BELMIRO BRAGA

Minas, Maio de 1901.

Bôlo Jacobino

(MINEIRO)

Para fazer-se tão delicioso bôlo, cujo titulo enci-ma estas linhas, é necessario respeitar a seguinte receita.

Prepara-se um prato fundo; bem cheio de mandioca ralada, meio prato de queijo de Minas ralado, um kilo de assucar feito em calda meia rala, doze gemmas de ovos, uma colher das de sopa de canella em pó, meia chicara de manteiga e meia chicara de banha de porco bem fresca e um côco ralado, de ois de tudo isto feito, junta-se a mandioca com a calda e vai-se mechendo até ficar com um mingau bem grosso, tira-se do fogo, e deixa-se refecar, depois junta-se o mais bem misturado, unta-se a forma com manteiga e vai ao forno para cozer.

Rio, 10-7-91.

COTISHA.

Cantando...

Quem cantando desprender a vida

Quero seguir a estrada da existencia

Limitado o viver das avesinhas:

Soltando o olhar as penas minhas

Em gestos de procer, ou de incoerencia,

Fazendo como as lestas andorinhas:

Rufando as azas, proceur elemencia

N'outros e mais mais brandos, que n'ousoeina

Minimam o soffrer das pobresminhas!

E assim cantando, sentirei conforto,

E tu pobre coração já quasi morto,

Terá forças n'extremo despedida

Mesmo n'angustia da maior tortura,

Dizer sorrindo nos pés da sepultura,

«Quero cantando desprender a vida».

J. Job,

Rio, 1901

Curioso Parallelo

E' muito curioso o seguinte parallelo, feito por Felix Piat, entre as capitães francezas e inglezas:

Pariz é direita, Londres é canhoto; o cocheiro parizense guia á direita, o de Londres á esquerda; o primeiro colloca-se na frente do vehiculo, o segundo á retaguarda; Pariz é compacta, Londres é dispersa; Pariz augmenta por absorpção, Londres por expansão; Pariz edifica com pedias, Londres com tijolos; Pariz tem casas altas e ruas estreitas, Londres ruas largas e casas baixas; Pariz tem janellas de portadas, Londres janellas de correr; as persianas em Pariz estão do lado de fora, em Londres do lado de dentro; Pariz é collectivista, residindo em casas que são quarteis, Londres é individualista, tendo cada familia a sua casa; Pariz tem o seu porteiro, Londres a sua chave; Pariz pronuncia «cação», Londres «caaco»; Pariz deixa a cama logo de manhã e que está posta junto á parede, Londres deixa o leito muito mais tarde e que está collocado no meio do quarto; Pariz come pouco, Londres muita; Londres diz V laire, possui oco religioes e um unico molho, Pariz tem ao molh's e nem uma só religião; Londres serve-se d'un garfo de tres dentes, Pariz d'un de 4; Pariz é alegre, Londres é taciturno; Pariz passela, Londres corre; Pariz tem poucos soldados, Londres tem muitos; o soldado parizense traz farda azul e calças vermelhas, o londrino usa farda vermelha e calças azues; em Pariz os padres celebram casamentos, em Londres casam-se elles mesmos; em Pariz as mulheres casadas são livres, em Londres deixam de o ser; Pariz tem mais suicidas, Londres mais homicidas; Pariz trabalha, Londres trafica; em Pariz a rapaziada bate-se a pontapé, em Londres a murraço; o proletariado parizense chama á casa de prego «minha tia», o proletariado londrino chama ao monte pio «meu tio».

LOIRAS

Como uma epidemia, bem mais grave do que a meningite cerebral epidemica, alastrou-se em Lisboa a moda terrivel e horrivel das mulheres portuguezas pintarem os cabelos de loiro. Essa moda, estragando os cabelos e a expressao regional das caras, se pode agrandar aos *governos* sensuaes de amores esquisitos, não agrada a ninguém que esteja na santa physiolgia do amorinho ao natural, como manda a Biblia e nos pede a sanidade do corpo e da alma.

A mulher portugueza, que vive exactamente da cor dos cabelos, do moreno da pelle, dos olhos negros fulgurantes e dos magnificos dentes—passa na traducção chimica da cabellera a representar o papel de numia, desatmando medonhamente a cor da pelle com o colorido artificial dos pellos.

Lembrem-se disto: quando a natureza faz o bello, numa creatura, e o liga como melodia ao grande concertante symphonico de um coo, de um terreno e de umas arvores, typicas e caracteristicas de um torrao de paz, é necessario conservar o no tom em que foi afinado, quando não produz os arrepios que o Sr. Biel de S. Carlos fazia no publico quando puxando para um lado, a orchestra se afastava para o outro, que era o da partitura.

O caso é este. Mulher que nasceu morena, de cabelos negros, aza de corvo, de supercillios d'ebano e pestanas como traços a nankim, accentuando-lhe o olhar falcante e as feições quentes, terrenas, carnudas, com essa cor biliosa de epiderme que tem toda a portugueza e lhe marca a ferocidade vulcanica no ciume e a loucura estonteadora no beijo, — mulher assim, não pôde decretar de um dia para o outro, a metamorphose chronica do cabelo sem estragar completa e profundamente o effeito da mascara, como se estraga e perde o effeito de um quadro quando se lhe muda a moldura rica de pau santo em *baquette* dourada de papelão.

O loiro pertence á creaturinha franzina e pallida, transparente de carne, com veias verdes a rastejar na pelle, bocca desmauada de rosa que desabotoa, nariz afilado de cera, sobrancelhas e cílios como pennugens d'ouro enchendo de penumbra a claridade meiga d'uns olhos azues celestes. E' a cor de cabelo que convém ás finguinhas ideicas de Caeche e de Wagner, as Desdemonas e as Ophélias, as contempladoras das neves e sonadoras do sol...

As nossas não podem ser assim, a menos que não consigam raspar o pigmento da pelle e alliviar o tom carregado e forte dos olhos e das feições. A mulher portugueza nasceu para ter cabelos negros; trar-lhos, transformar-lhos, é o mesmo que prender o vôo das pombas e matar á sede uma roseira...

Por isso, as que se pintam, ficam estioladas, murchas, inexpressivas, e dão-me o ar de ter sido mandadas á lavadeira, num dia triste, voltando de lá, deslavadas e desbotadas...

No theatro portuguez a mulher loira é uma praga. Desataram todas a pintar os cabelos, dando o triste resultado de se assistir a uma peça passada em Frenxo de Espada a Cinta, que iria puzer norueguesa, pela cor das cabelleiras das personagens. Os empresarios e os criticos, e até mesmo o publico deveria impor-se e manifestar-se.

Até as coristas! Já deitam mão ao frasc' da droga e apparecem no *Burro* ou no *Silva* com carinhas d'Elzas de Lohengreen de capellista! Ora, não ha maior desalor!

Lavem-se, lavem essa droga!... Droga, que afinal pode desandar em doença do coiro cabelludo, quando não desanda em afflicções d'uma familia como ainda ha pouco ha succedendo. Afflicções sérias e muito graves para a felicidade d'um lar.

O caso é de sete mezes, quando muito. O nosso presado Mario B., rapaz interessante, sympathico e alegre, casou ha tres annos com uma senhora de familia distinta e rica, boa pequena, mas diabolicamente insupportavel no capitulo «ciumeira»... Todos os dias, naquella casa, bavia scenas, lagrimas, juras e pazes feitas, por causa d'uma linha que o homeminho trazia no feto, d'um cabelo encontrado no chapéu, d'um bilbete mysterioso na carreira... Um inferno um verdadeiro inferno!

O anno passado, por doença da senhora, o medico aconselhou-a a usar de banhos numa praia. O rapaz não podia acompanhala por especiaes serviços burocraticos em Lisboa.

Foi ella com os paes, com a promessa de que elle se portaria bem e de que iria vel-a aos sabballos. Partiu. Mas o diabo tece as. O Mario encontrou uma joven dos seus tempos de solteiro e anichou-se com ella. A joven usava nos cabelos essa terrivel agua oxygenada que os doirava estupidamente.

Mario B. sentia-se bem; a solta, gosando os beneficios da ausencia da mulher... Aos sabballos ia vel-a, com uns ares de sonso e muitos protestos d'amor e fidelidade...

Num dos sabballos de manha, em casa da amante levantou-se tarde, vestiu-se á pressa, lavou-se, perfumou a cabeça, penteou-se, a galope, num instante. Estava pelos cabelos! Era tardissimo! Num pulo chegou á repartição e conseguiu ainda assignar o ponto mercê da benevolencia do chefe. Estava elle todo enroscado ao trabalho, quando o Chleco/Souza, vizinho de carteira, lhe tocou no hombro.

— Que é?
— Ouve lá, que mania é essa do loirinho?
— Hein?!

E o Chleco accentuava o *loirinho* com um ar de quem sabia a historia tola. O Mario, de si para si, deu sorte, mas nem se atreveu a perguntar-lhe como sabia los seus amores illicitos. Limitou-se a sorrir e continuou trabalhando... Saiu cedo. A' porta notou que o continuo se sorria e lhe piscava o olho... Não fez caso. Na rua, olhavam-no espantados... Que teria elle?... Trez vezes, quatro vezes, esteve para parar e perguntar aos typos.

— Quer alguma coisa?
Mas eram horas do comboio e elle precisava partir, partir sem falta. Quem aturaria a mulher se elle e elle perdesse o comboio? Chegou á estação. Comprou bilhete, tomou logar na carruagem e o comboio largou.

Mas na outra estação entrou o amigo Menezes e ao vel-o, em gargalhadas, perguntava lhe aos berros:
— O' Mario, que tens tu no touço que estás todo loiro?

— Loiro?!
— Todo loiro, sim!
— Oh! diabo!
Puxou d'um espelhinho... Era certo: estava loiro, todo loiro, ás manchas, nos bocados...
E de repente, lebrou-se! Em vez de deitar o *rhon* e *pana* costumado, enganara-se no frasco e, com a precipitação, esfregara a cabeça com a agua oxygenada da outra...

Na estação seguinte apeioi-se e correu ao telegrapho:
— Impossivel partir, Chefe não dispensa. Serão e trabalho domingo. Até sabaddo. — Mario.
... E levou uma semana inteira a decorar a cabellera...

MANUEL PENTRADO.

A Nova Cruzada

«As ideias da Nova Cruzada», periodico litterario fundado em Maio na Bahia!

Pois é: as letras que um paiz se integra

ALONSO DE CARVALHO

Avante o tempo avante, obreros do futuro,
Que em pra da dilissão das letras trabalhais!
A patria vos contempla e tem ja por seguro
Que em breve transporta da Gloria os penetrais!

De eis muito litar, que as hoses negrejas
De espiritos senis cois crevas trumadas!
Quarrel lito vos dirão, — mas vossa máos pesantais
Quarrel lito lio de dar depois de illuminadas!

E' grande o vasso fú, o migo da *Novidade*,
— Athletas — que empunham a patria por espada,
Athletas — que erigis o livro por estada!

Mil bençãos vos darão futuras gerções,
Medindo as crevas d'hoje o as mil fulgurções
Da luz que ha de portar da proisio do ossado!

FILMENO PEREIRA

Caravelas, 4 de Junho de 1901.

MAX NORDAU E O TRANSVAAL

É interessantissimo o seguinte trecho de Max Nordau sobre a guerra anglo-boer:

«Disse eu que a causa da independencia dos boers era eminentemente interessante e sympathica. Não ha duvida. Mas a Alemanha tambem tem os seus boers. São os francezes da Lorena, que desde 1870 choram a perda da patria e que ainda não quizeram aprender a lingua allemã.

São os dinamarquezes do norte de Schleswig que defenderam com ictivel tenacidade a sua lingua natal, apesar das mil perseguições da administração allemã. São os polacos de Westprenssea e da alta Silesia que se agarram desesperadamente á sua nacionalidade.

Em summa, o desmoroamento da Polonia, a sua divisáo entre a Prussia, a Russia e a Austria deve ser um crime tão monstruoso como a suppressão de duas republicas boers pelos inglezes. Porventura os pan-germanicos que — a tod' o transe — querem a guerra com a Grã Bretanha para salvar a independencia dos boers, pensam em resistir á liberdade aos polacos da Prussia?

O crime não está ajuda prescripto: os polacos, apesar de 120 annos passados, assim o julgam. Não se germanisaram na Prussia, e, mesmo ameaçad polonisar toda a sua parte oriental, Gousa angustiosa! existe ainda uma questáo polaca na Prussia, que occupou a camara dos deputados durante toda a semana passada.

Os polacos escreverem os enveloppes das suas cartas na lingua materna: os empregados dos correios desconhecem o polaco, os nomes das cidades, das ruas, de sorte que essas cartas se flicem atrasas e nsideraveis ou não chegam ao seu destino.

Naturalmente, os polacos protestau e o ministro dos correios responde que os seus funcionarios desconhecem a lingua na Polonia. Os polacos replicam observando ao ministro que, nesse caso, mande os seus empregados aprender polaco.

O ministro, por fim, declara que a lingua do paiz é o allemão e que o que elles fazem não pode ter mais tolerancia.

A questáo está nesse pé: se os polacos desejam a entrega da sua correspondencia, serão obrigados a sobrescrita e em linguagem allemã.

Ora, digam-me: a sorte dessas creaturas difere muito da dos boers?

No entanto, nenhum pan-germanico ergueu a voz em favor dos primeiros.

Nenhum allemão pensa em restituir a Lorena á França, o Slesvig á Dinamarca e á Prussia polaca á liberdade e a independencia?

Por que? por malvadez?
Não. E' que semelhantes amputações enftaqueceriam a Alemanha, e não grande gento ostidae e justiça redundariam no suicidio da nossa patria.

A justiça será a lei da politica, quando a humanaidade formar uma e llectividade unica e os seus interesses forem communs.

Antes disso, o mais forte ha de esmagar o mais fraco.

Vae Victis!
Se me disserem que esta é a doutrina da Força sobre o Direito, responderei que não é uma doutrina, mas um facto empirico.

Em todo o caso, julgo singularmente illogica a minha indignação contra a politica ingleza do Transvaal, quando a propria Alemanha seguiu uma politica analogá contra povos civilizados e valentes como os boers.

Os estudantes russos

A *Independence Boer* publicou a seguinte communicação:

«Os abaixo assignados, professores das universidades russas, homens de sciencia, homens de letras, publicistas e jornalistas russos (entre os quaes estão nomes conhecidissimos) pedem-nos que publicuemos o protesto que se segue contra a brutalidade das autoridades russas:

«Nós abaixo assignados, homens de letras russas, privados da possibilidade de livremente exprimir as nossas ideias sobre as necessidades da nossa pobre patria, impedidos pela censura de fallar sobre o que se passa aos nossos olhos, de indicar uma sahida para a terrivel situação em que se debate a nossa sociedade, conscientes dos nossos deveres para com o povo, recorremos aos nossos confrades estrangeiros para por o mundo civilizado ao corrente das atrocidades que se commettem entre nós.

A 17 de Março, na praça do Kazan S. Petersburgo, a policia atirou-se sobre uma multidão inoffensiva e desarmada, de varios milhares de pessoas, homens, mulheres e crianças, e sem provocação de especie alguma, poz-se a chicotear e a ferir toda a gente com uma brutalidade e uma ferocidade sem iguaes.

Os cossacos, cercando a multidão e impedindo a de circular, carregaram sobre a massa compacta de curiosos, chicoteando e pisando e esmagando os desgraçados que cahiam sob as patas dos seus cavallos.

A policia agarrava e prendia ao acaso toda a gente que lhe cahia nas mãos, distribuindo socos, pontapes e lambadas. As pessoas mesmo que estavam lardadas, que imploravam a cessação da carnificina, eram maltratadas.

Taes são os factos de que alguns dos abaixo assignados foram testemunhas oculares. Atrocidades analogas foram praticadas igualmente em outras cidades da Russia. Cheios de terror e de angustia pelo futuro reservado ao nosso paiz entregue ao chicote dos cossacos e ao saibro dos esbirros, convencidos de que a nossa indignação e partilhada por todos os nossos confrades russos, dos quaes não tivemos tempo de obter as assignaturas, por toda a sociedade intellectual russa, por todos aquelles que não perderam ainda os sentimentos de dignidade e da humanidade, convencidos ainda de que os nossos confrades estrangeiros não ficaram indifferentes ao que se passa entre nós...

Fazemos um appello á imprensa do mundo inteiro para que dê a maior publicidade possivel a constatação de factos lamentaveis, de que fomos testemunhas: (Seguem-se 45 assignaturas dos mais notaveis escriptores russos).



MOLDES

Temos a satisfação de communica-lhe as nossas gentis assignaturas e leituras apezar de nosso silencio, continuado com o nosso serviço de moldes tanto em Estónia, como de qualquer outro lugar para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de artes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos o trabalho, são das mais habilitadas mestras no assunto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço e com tanta podemos assegurar que estamos habilitados a satisfizer a freguezia mais exigente que tenhamos receio de que nos venham dar lieve apuro e bom gosto, nem na modicidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:
N. 13 — 12 — Saia com colletinho... 18
N. 14 — Saia... 1800
N. 15 — Saia... 1800

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguírem.